

*S e b e n t a   d e   c r i a ç ã o*

*José Caldas   Lena d'Água   Tahina Rahary*

# *ou isto ou aquilo*

*Recital de Poesia e Música   Cecília Meireles e Luís Pedro Fonseca*

*S e b e n t a   d e   c r i a ç ã o*

*José Caldas   Lena d'Água   Tahina Rahary*

*ou isto  
ou aquilo*

*Recital de Poesia e Música   Cecília Meireles e Luís Pedro Fonseca*



*José Caldas*  
*50 anos de Teatro*  
*(1964-2017)*



"(...) Sei que canto. E a canção é tudo  
Tem sangue eterno a asa ritmada.  
E um dia sei que estarei mudo:  
— mais nada."

*(Cecília Meireles in Viagem)*

## Uma revisitação

Voltar mais uma vez às últimas poesias de Cecília Meireles, este testamento de transfiguração do banal quotidiano, é para mim um mergulho e uma oblação purificadora. Poeta de voz única e sensível ao transcendente e o terreno, ao estranho e o vulgar, ao humano e o inumano e a angustia individual e a ânsia colectiva.

Esta revisitação nasce de um reencontro com a Lena d'Água, no Museu do Teatro, em 2015, Lisboa. Ela dizia: "voltemos aquele momento em que fomos felizes, digamos e cantemos mais uma vez aquelas palavras encantadas." Desejo que compartilho com afecto e alegria.

Este recital tem raízes em 1979, primeira montagem destas poesias, raízes que cresceram e fazem brotar agora "a flor que a menina sonha, está no sonho ou na fronha? Sonho risonho na fronha de linho, na fronha e linho a flor sem espinho". Esta escrita, vaga música, que nos acalenta e questiona. Da sua estreia indagavam público e críticos teatrais: "para crianças... para adultos"?, pois ambíguo acto teatral, ambígua linguagem: "vida de Olívia

levada por um vilão violento, violeta violada pela viola do vento." Ambiguidade esta irmã da minha poética teatral, uma acção que procura um público alargado: crianças, jovens e adultos como na nossa dramaturgia de raiz popular: as Bugiadas do Valongo ou o Bumba meu Boi do Nordeste Brasileiro, um teatro tradicional e comunitário, "avant la lettre", que irmana todos os públicos.

A encenação desenha esta ambivalência com nanquim e aguarela em desejado retorno a esta dialéctica entre ou isto ou aquilo. Queremos oferecer estas palavras, em permanente jogo, aos mais novos e aos mais velhos e a perguntar-lhes se não "é uma pena que não se possa estar ao mesmo tempo nos dois lugares (...) mas não consegui entender ainda qual é melhor se é isto ou aquilo?"

*José Caldas*

# O Meu Mano Velho, José Caldas!

por Eugénia Vasques

O encenador-autor deste *Ou Isto ou Aquilo - Recital de Poesia e Música* (sobre poemas de Cecília Meireles e música de Luís Pedro Fonseca e que, na sua versão original, em 1979, Carlos Porto designou como um espectáculo “histórico”) é um neto multicultural que nos veio, via Joaquim e Alba, de Itanhandu, Minas Gerais, Brasil, para inventar, com alguns poucos mais, logo após o 25 de Abril, o conceito de teatro infanto-juvenil em Portugal.



Cunhado pelo próprio como “teatropoesia”, o teatro que veio aqui construir para os mais novos e para todos os públicos assentou, claramente, nas principais coordenadas que lhe têm modelado a biografia profissional: a itinerância pelo mundo (Brasil, França, Portugal, Itália, Espanha, etc.), a formação teatral e concomitante procura de informação sobre as profundezas do imaginário infantil e a desinquietação. Não por acaso, estudou por Ceca e Meca, passou por um Seminário (de Nossa Senhora das Dores!) ou, entre outras, pelo Conservatório de Teatro do Rio, desaguando na Escola de Educação pela Arte, sita no Conservatório Nacional de Lisboa, no tempo em que, actor feito, se exercitava já em acções psicopedagógicas para professores e alunos no Ensino Básico, sob a égide da Direcção-Geral do Ensino. Foi também nesse tempo, da nossa cruzada juventude, que lançou as bases tentativas de uma noção de “teatro comunidade”, com os jardins-de- infância, no âmbito da Associação de Desenvolvimento Comunitário da Junta de Freguesia das Mercês.

José Caldas trabalhou, desde os seus inícios, com uma grande parte das Companhias, Grupos ou estruturas, profissionais, semi-profissionais e amadoras que têm marcado a geografia teatral portuguesa (Cómicos, GITT, Grupo Teatro Hoje, Bando, TAS, CCE/CENDREV, TEC, TUP, Teatro Art’ Imagem, Seiva Trupe, Teatrão, Companhia Teatro de Braga, Escola da Noite, etc., etc., etc.), com os quais desafiou interditos e fez descobrir universos autorais. Esteve, igualmente, na origem fundadora de grupos relevantes, como as cooperativas Oficina de Teatro e Comunicação/OTC (1976), Sete Oficinas (1982) e a actual Quinta Parede-Associação de Artes Cénicas na Escola (1996), que marca o estabelecimento do criador no Norte do

país. Sabemos que José Caldas foi reconhecido pela sua linguagem própria (Carlos Porto atribuía aos seus trabalhos o designativo “caldiano”) e pela sua aposta pioneira num teatro marcado pela “mestiçagem” e pela interculturalidade.

Mas aquilo que desejo sublinhar nesta reflexão homenageadora é que este agitador que acreditou na criação colectiva, foi também pioneiro num modo de criação que, por ser ancorado na poesia e numa antropologia do imaginário – com destaque para orientações filosóficas oriundas de Jung, Bettelheim e de um Freud genérico --, acredita nos arquétipos e nas deusas e, com isso, ajudou a estabelecer, entre nós, um teatro de comunicação horizontal contra a verticalidade de um teatro de convenções estereotipadas.



O original Ou Isto ou Aquilo foi uma estação de chegada e encerrou, então, um ciclo de criação da Oficina de Teatro e Comunicação, da qual fazia parte a bailarina-actriz Águeda Sena (n. 1927). Ali encontrávamos José Caldas assumindo as rédeas da encenação como responsabilidade global da cena, dirigindo o espectáculo – com a criação plástica do inesquecível Dalton Salem Asséf (1942-1999) e a música (que viria a ser gravada em 1992) de Luís Pedro Fonseca para a voz de Lena D’ Água – e criando, com a poesia da divina Cecília Meireles (1901-1964), um universo que configurava, já, uma “escrita cénica”. Era, pois, um teatropoesia feito de atmosferas, mudanças, opostos, ritmos e diferenças.

Penso que este Ou Isto ou Aquilo - Recital de Poesia e Música, coprodução da Quinta Parede com o Teatro Nacional de São João, no Teatro Carlos Alberto, do Porto, anuncia novo ciclo na vida do pedagogo-clown.

Saravá, mano velho!

*Lisboa, 4 de Agosto de 2017*

# Cecília Meireles

(1901-1964)

## Biografia

A obra poética de Cecília Meireles ocupa lugar singular na história das letras brasileiras por não pertencer a nenhuma escola literária. Alta expressão da poesia feminina brasileira, inclui-se entre os grandes valores da língua portuguesa do século XX. Nasceu no Rio de Janeiro em 7 de novembro de 1901. Diplomou-se professora pelo Instituto de Educação em 1917. Viajou pela Europa, Estados Unidos e Oriente.

No exercício da profissão, participou ativamente do movimento de renovação do sistema educacional brasileiro. Fundou em 1934, a primeira biblioteca para a infância no país e de 1936 a 1939, lecionou literatura luso-brasileira. Ensinou na Universidade do Texas e colaborou na imprensa carioca. Em 1919 publica *Espectros* e dois livros de poemas simbolistas. Em 1923 *Nunca mais...* o poema dos poemas e *Balada para el-rei* em 1925. Foi com *Viagem*, 1939, ganha o prêmio da Academia Brasileira de Letras. A partir deste livro firmou-se sua integração ao movimento modernista.

Cecília Meireles reafirmou a importância de sua contribuição à poesia de língua portuguesa em vários livros, entre eles. *Vaga Música* (1942), *Mar absoluto* (1945), *Retrato Natural* (1949), *Romanceiro da inconfidência* (1953), *Metal rosicler* (1960) e *Ou isto ou aquilo* (1964).

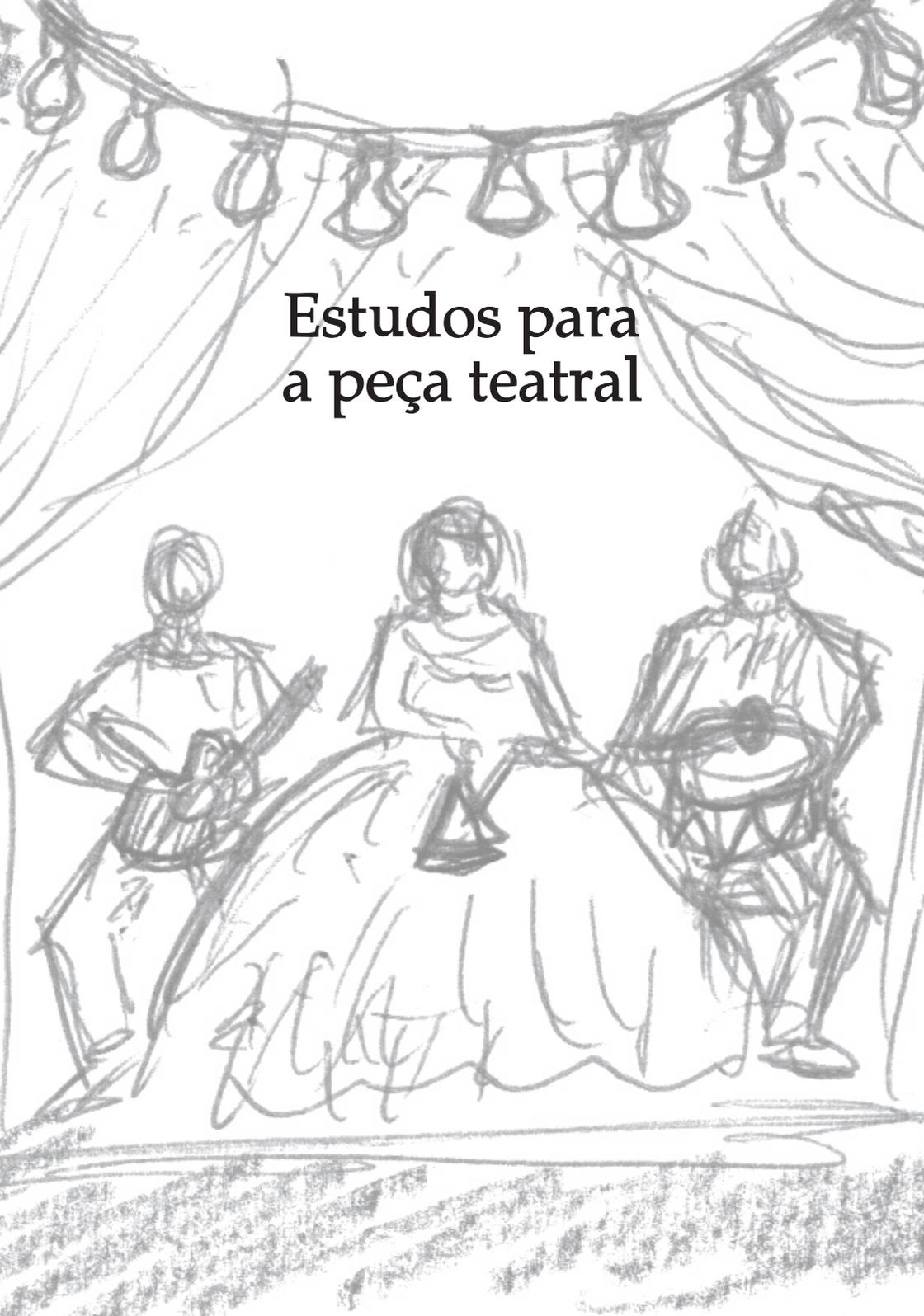
Morreu a 9 de Novembro de 1964, no Rio de Janeiro.



*Cecília Meireles. Desenho de Arpad Szénes.*



**Estudos para  
a peça teatral**



**Abertura**

(aparece Projetado quadro negro escrito Ou Isto ou Aquilo - entra professor)



**Professor / Caldas**

Ou isto ou aquilo  
ou isto ou aquilo  
ou isto ou aquilo

Ou se tem chuva e não se tem sol, ou se tem sol e não se tem chuva! Ou se calça a luva e não se põe o anel, ou se põe o anel e não se calça a luva! Quem sobe nos ares não fica no chão, quem fica no chão não sobe nos ares.



**Aluno/músico (com orelhas de burro)**

É uma pena que não se possa estar ao mesmo tempo nos dois lugares!  
Ou guardo o dinheiro e não compro o doce, ou compro o doce e gasto o dinheiro.  
Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo... e vivo escolhendo o dia inteiro!  
Não sei se brinco, não sei se estudo, se saio correndo ou fico tranquilo.  
Mas não consegui entender ainda qual é melhor: se é isto ou aquilo.

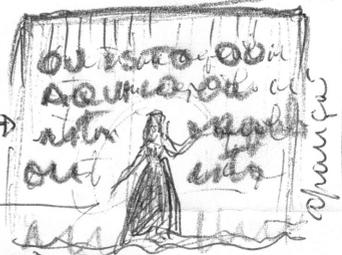
PONTEIRO - PERCUSSÃO  
RITMO DAS PALAVRAS

(professor tira orelhas do músico e veste-a)

Lena

Me continua

(canta Ou isto ou aquilo)



Caldas

LENA  
APARIÇÃO &  
FEMININO

O menino quer um burrinho para passear.  
Um burrinho manso, que não corra nem pule, mas que saiba conversar.  
O menino quer um burrinho que saiba dizer o nome dos rios, das montanhas, das flores, de tudo o que aparecer.

falar menino

O menino quer um burrinho que saiba inventar histórias bonitas com pessoas e bichos e com barquinhos no mar.

É os dois sairão pelo mundo que é como um jardim apenas, mais largo e talvez mais comprido e que não tenha fim.

Quem souber de um burrinho desses, pode escrever para a Rua das Casas, Número das Portas, ao Menino Azul que não sabe ler.



Lena?

Professor

(com orelhas de burro, dança e canta) LUZ ABAIXA

VIDEO  
POLÉNS A VOAR?

Lena (canta - Caldas dança)

Soprato do Matias de Cortina

À tarde o cavalinho branco está muito cansado:  
Mas há um pedacinho do campo onde é sempre feriado.  
O cavalo sacode a crina loura e comprida e nas verdes ervas atira a sua banca vida.  
Seu relincho estremece as raízes e ele ensina aos ventos  
A alegria de sentir livres seus movimentos.

maneira de falar no dal?

PROF BURRINHO

- 1º SONS DOS PÉS
- 2º VIOLA
- 3º VOZ
- 4º PAUSA
- 5º SONS DOS PÉS
- 6º VIOLA
- 7º VOZ

ritmo de jump



SONS DOS BICHOS? (ABSTRACTO)

Trabalhou todo o dia tanto! Desde a madrugada! Descansa entre as flores, cavalinho branco de crina dourada!

(professor tira orelhas de burro - leilão) +

Lena/ Caldas e Músico

FEIRA?

LIVROS? com objetos dentro

Sons bichos

Quem me compra um jardim com flores? Borboletas de muitas cores? Lavadeiras e passarinhos? Ovos verdes e azuis nos ninhos? Quem me compra este caracol! Quem me compra um raio de sol? Um lagarto entre o muro e a hera? Uma estátua da primavera? Quem me compra este formigueiro? E este sapo que é jardineiro? E a cigarra e a sua canção? E o grilinho dentro do chão? Este é o meu leilão!

(Musico faz choro na flauta - Lena mima choro)

Caldas

Boas partes da cortina  
(Caldas partes da cortina)

No claro jardim a menina chora pela borboleta que se foi embora. Ora, ora, ora, não chore tanto! Nossa senhora! A menina chora no claro jardim um choro sem fim.

Lena

Choro: Flauta

Chapéu com Borboleta



Nem o céu azul é bonito, agora, pois a borboleta já se foi embora.

Caldas

LENA TENTA APANHAR - LA

Não chore tanto! Nossa senhora! Que choro sem fim a menina chora no claro jardim. Ora, ora, ora!

propõe jogar a brevidade

(Lena venda os olhos do -Caldas) LUZ ABAIXA + CONTRA LUZ AZUL

Onde está meu quintal amarelo e encarnado com meninos brincando de chicote queimado, com cigarras nos troncos e formigas no chão, e muitas conchas brancas dentro de minha mão?

Sevate Venda

CALDAS (em casa)

Lena



VENDADO CABRA CEGA

E Júlia e Maria e Amélia onde estão?

Caldas

do Lena e mulo

PROCURA O PASSADO SAUDADES

Onde está meu anel e o banquinho quadrado, e o sabiá na mangueira e o gato no telhado? e a moringa de barro, e o cheiro do alvo pão? e tua voz Pedrina sobre o meu coração? Em que altos balanços se balançarão?...

LUZ SOBRE E SAI CONTRA LUZ AZUL

TIRAVENDA

(Choro com flauta - Lena mima choro - Rap)

(CHORO MENINA / FLAUTA) *hoje diapirou e come -*  
\* Caldas - É a menina manhosa que não gosta da rosa que não quer a borboleta

RAP

Lena - porque é amarela e preta,

Caldas - que não quer maçã nem pera

→ BORBOLETA  
CHAPEU CLOWN

Lena - porque que tem gosto de cera,

Caldas - que não toma leite // porque lhe parece azeite, que mingau não toma,

Lena - porque é mesmo goma,

Caldas - que não almoça nem janta

Lena - porque cansa a garganta,

Caldas - que tem medo do gato

Lena - e também do rato, e também do cão e também do ladrão.

Caldas - Que não calça a meia

DANÇA RAP | REINVENTADA  
OS TRÊS

Lena - porque dentro tem areia,

Caldas - que não toma banho frio porque sente arrepio, que não quer banho quente porque calor sente, que a unha não corta

Lena - porque sempre fica torta,

Caldas - que não escova os dentes

Lena - porque ficam dormentes,

Caldas - que não quer dormir cedo, porque sente imenso medo, que também tarde não dorme porque sente um medo enorme,

Caldas - Que não quer festa nem beijo,

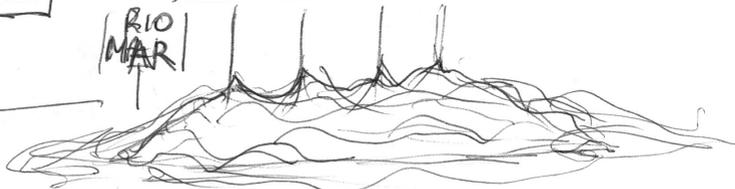
Lena - nem doce nem queijo... (nem doce nem queijo)

Caldas - Ó menina levada quer uma palmada? Uma palmada bem dada para quem não quer nada!

Desce a cortina de tule - Lena canta) BAIXA LUZ E ENTRA CONTRA LUZ  
AZUL

Desce  
CORTINA  
AZUL

RIO  
MAR



SONS DO RIO  
PERCUSSÃO

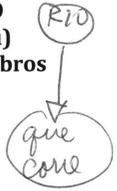
Lena

Som frio. Rio sombrio. O longo som do rio frio. O frio bom do longo rio. Tão longe, tão bom, tão frio. O claro som do rio sombrio.

Caldas (~~com pouca chuva~~) (PASSEIA NO RIO) (COM PRATINHOS A CRIAR SOM CONTÍNUO)

Rômulo rema no rio. A romã dorme no ramo. A romã rubra. (E o céu) O remo abre o rio. O rio murmura. A romã dorme cheia de rubis. (E o céu) Rômulo rema no rio. Abre-se a romã. Abre-se a manhã. Rolam rubis rubros do céu. No rio, Rômulo rema.

TIC TAC DA CHUVA  
PERCUSSÃO - VIOLA ?



Lena (canta)

Olha a chuva: molha a luva. Cada gota de água como um bago de uva. A chuva lava a rua. A viúva leva o guarda chuva e a luva.

Olha a chuva: molha a luva e o guarda-chuva da viúva.

Vai a chuva e chega a lua: lua de chuva. RELAMPAGOS E SOM

(relâmpagos) LUZES A FAZER RELÂMPAGOS



Caldas, Lena e Músico

folha de METAL →

(ouar) GRITO

Chama o Alexandre! Chama! Olha a chuva que chega!

É a enchente. Olha o chão que foge com a chuva... Olha a chuva que encharca a gente. Põe a chave na fechadura. Fecha a porta por causa da chuva, olha a rua que se enche!

interior

Enquanto chove, bota a chaleira no fogo: Olha a chama! Olha chispa! Olha a chuva nos feixes de lenha! Vamos tomar chá, pois a chuva é tanta que nem de galocha se pode andar na rua cheia!

Chama o Alexandre! Chama!

CAI TULE AZUL

quere gritos →

Velhinhas estavam baixando a cortina e caíram as velhinhas equivalentes

(Lena e Caldas por trás da cortina descida) LUZ GERAL BAIXA E CONTRA LUZ AZUL FORTE

(Lena e Caldas sentados por trás da cortina)

Caldas - Duas velhinhas muito bonitas,

Lena - Mariana

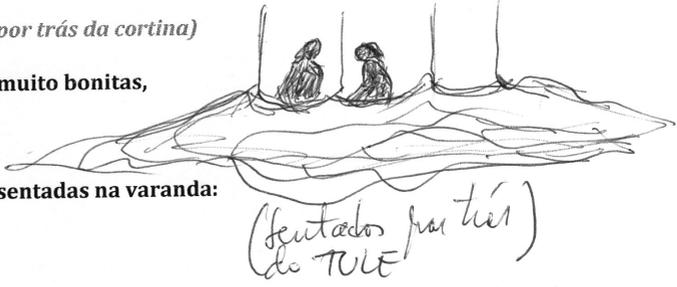
Caldas - e Marina, estão sentadas na varanda:

Caldas - Marina

Lena - e Mariana.

Caldas - Elas usam batas de fitas,

Lena - Mariana



Caldas - e Marina, e penteados de tranças: Marina

Lena - e Mariana.

Caldas - Tomam chocolate, as velhinhas,

Lena - Mariana

Caldas - e Marina. Em xícaras de porcelana: Marina

Lena - e Mariana.

Caldas - Uma diz:

Lena - Como a tarde é linda, não é Marina?

Caldas - A outra diz: Como as ondas dançam, não é Mariana? Ontem eu era pequenina.

Lena - Diz Marina. Ontem, nós éramos crianças.

Caldas - Diz Mariana.  
E levam à boca as xicrinhas,

Lena - Mariana e Caldas - Marina, As xicrinhas de porcelana: Marina

Lena - e Mariana.

Caldas - Tomam chocolate, as velhinhas, Marina

Lena - e Mariana.

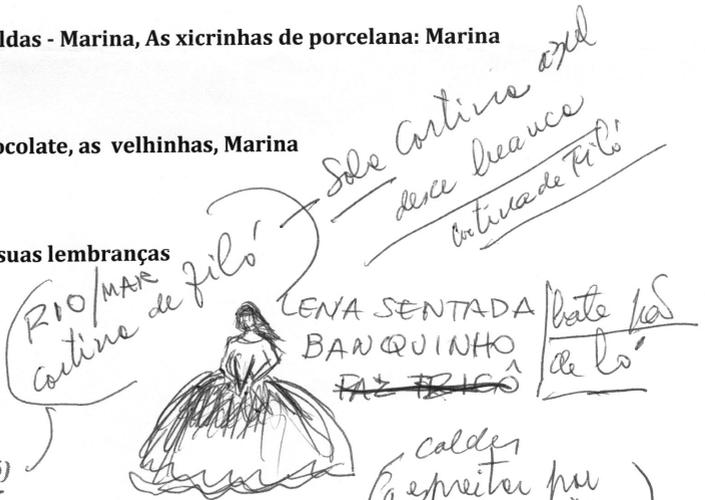
Caldas - E falam de suas lembranças

Lena - Mariana

Caldas - e Marina.

SOBE LUZ GERAL

(Sobe cortina de filó)



Caldas -

A Avó vive só. Na casa da avó o galo liró faz cocorocó!

A avó bate pão de ló e anda um vento -t-o-tó na cortina de filó.

A avó vive só. Mas se o neto meninó, mas se o neto Ricardó, mas se o neto travesso vai a casa da vovó, os dois jogam dominó.

*(Lena canta e acalenta Caldas)*

*entre misticos com  
\* VIOLINHA*

**BAIXA LUZ GERAL**



Caldas deitado  
colo Gene - m'heco

ou m'rico sentado  
co lado a tocer?

ASAS?

Eu queria pentear o menino como os anjinhos de caracóis. Mas ele quer cortar o cabelo, porque é pescador e precisa de anzóis.  
Eu queria calçar o menino com umas botinhas de cetim.  
Mas ele diz que agora é sapinho e mora nas águas do jardim.  
Eu queria dar ao menino umas asinhas de arame e algodão. Mas ele diz que não pode ser anjo, pois todos já sabem que ele é índio e leão.  
(Este menino está sempre brincando, dizendo-me coisas assim. Mas eu bem sei que ele é um anjo escondido, um anjo que troca de mim.)

m'ens na cabeça

(conversa entre Lena e Caldas)



Os 2 - Lúlu, lúlu, lúlu lúlu,

Caldas - vou fazer uma cantiga para o anjinho de São Paulo que criava uma lombriga.

Lena - A lombriga tinha uns olhos de rubim.

MOSTRA DENTUÇA

Caldas - Tinha um rabo revirado no fim.

Lena - Tinha um focinho bicudo assim.

Caldas - Tinha uma dentuça muito ruim.



PROTESCO

Os 2 - Lúlu. Lúlu, lúlu, lúlu,

Lena - vou fazer uma cantiga para o anjinho de São Paulo que criava essa lombriga.

Caldas - A lombriga devorava seu pão, a banana, o doce, o queijo, o pirão.

Lena - A lombriga aprecia um leão.

Caldas - E o anjinho de São Paulo andava triste e chorão.

\* Os 2 - Lúlu, lúlu, lúlu, lúlu,

Lena - Pois eu faço esta cantiga para o anjinho de São Paulo que alimentava a lombriga.

Caldas - A lombriga ia ficando maior que o anjinho de São Paulo!

Lena - Que horror!

Caldas - Mas um dia chega um caçador!

(TOM BAIXO  
SUSPENSE)

Lena - Firma sua pontaria, sem rumor.

\*RITMO  
LENTO  
ROCK

\*RITMO  
LENTO  
ROCK

RITMO

Os 2 - Lúlu, lúlu, lúlu, lúlu,

PIANÍSSIMO

Caldas - Paro até minha cantiga sobre o anjinho de São Paulo!

Lena - A espingarda faz pum pum! Pim Pim! → GRITO

Caldas - O anjinho abre as asas assim.

Lena - A lombriga salta fora enfim!

Caldas - E foi correndo! (E tocava bandolim!)

SOBE LUZ GERAL

CENA ROCK ANOS 50

Músico/Lombriga (canta - Lena e Caldas tocam pandeireta)

A flor da pimenta é uma pequena estrela, fina e branca, a flor da pimenta.

Lena e Caldas - A flor da pimenta.

Frutinhas de fogo vêm depois da festa das estrelas.

Lena e Caldas - Frutinhas de fogo.

Uns coraçõezinhos roxos, áureos, rubros, muito ardentes.

Lena e Caldas - Uns coraçõezinhos.

E as pequenas flores tão sem firmamento jazem longe.

Lena e Caldas - As pequenas flores.

Mudaram-se em farpas, sementes de fogo, tão pungentes.

Lena e Caldas - Mudaram-se em farpas.

Novas se abrirão, leves, brancas, puras, deste fogo, muitas estrelinhas.

(caldas acende candelabro) - BAIXA MUITO LUZ GERAL AUMENTA CONTRA LUZ AZUL

Lena (canta)

De borco no barco. (De bruços no berço...)

A flor com que a menina sonha está no sonho? Ou na fronha? Sonho risonho: o vento sozinho no seu carrinho. De que tamanho seria o rebanho? A vizinha apanha a sombrinha de teia de aranha... Na lua há um ninho de

SONS PAU DE CHUVA?  
PERCUSSÃO

Velhos  
tram.  
pandeiros  
batida  
Rock



(Baués)

fiz  
Caldas

passarinho. A lua com que a menina sonha é o linho do sonho ou a lua da fronha

(CAZU)

Caldas

NOITE - SOM - ZUMBIDO MELGA

CALDAZ ACENDE CANDELA PAO

O mosquito pernillongo trança as pernas, faz um M, depois, treme, treme, treme, faz um O bastante oblongo, faz um S. O mosquito sobe e desce. Com artes que ninguém vê, faz um Q, faz um U e faz um I.

Esse mosquito esquisito, cruza as patas, faz um T. E aí, se arredonda e faz outro O, mais bonito. Oh! Já não é analfabeto, esse inseto, pois sabe escrever seu nome. Mas depois vai procurar alguém que possa picar, pois escrever cansa, não é criança? E ele está com muita fome.

(cazu passa de som do mosquito para o blues) SOBE LUZ GERAL

Caldas e Múscico (cantam)

CANDELA PAO  
MUSICAL

LETRAS  
COM A  
CABEÇA

O Chão. O grão. O grão no chão.  
O pão e a mão. A mão no pão.  
O pão na mão. O pão no chão? Não.

(solo de saxofone)

COM  
CAZUS

BAIXA MUITO LUZ GERAL

Lena (canta)

— sonha com cavalalhos —

Sonho risonho na fronha de linho. Na fronha de linho a flor sem espinho. Apanho a lenha para o vizinho. E encontro o ninho de passarinho. De que tamanho seria o rebanho? Não há quem venha pela montanha com a minha sombrinha de teia de aranha? Sonho o meu sonho. A flor sem espinho também sonha na fronha. Na fronha de linho.

LENA DEITADA  
NO LENÇOL DE  
TULE (CORTINA)

SOBE LUZ GERAL •

WOLTA PONTEIRO PERCUSSÃO

(professor/Caldas com ponteiro a bater, aparece no quadro negro um P)

Caldas - O P tem papo, o P tem pé. É o P que pia?  
Músico - Piu!

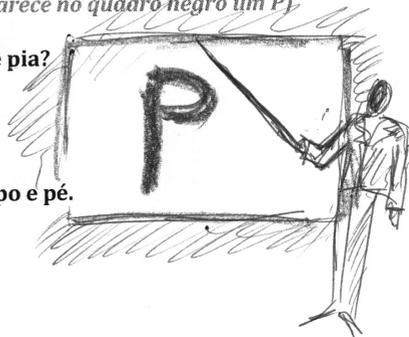
Caldas - Quem é?

Lena - O P não pia: o P não é. O P só tem papo e pé.

Caldas - Será o sapo?

Lena - O sapo não é.

Músico - Piu!



Lena - É o passarinho que fez seu ninho no sapé.

Caldas - Pio com Papo, pio com pé.

Músico - Piu, piu, piu.

Lena - Passarinho. Passarinho no sapé.

Caldas

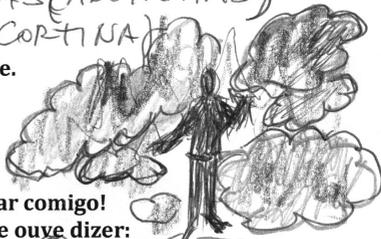
(slide MONTANHAS (ABSTRACTAS)  
TRÁS DA CORTINA)

O menino pergunta ao eco, onde é que ele se esconde.  
Mas o eco só responde:

ECO

Lena e Músico - Onde? Onde?

Caldas - O menino também lhe pede: Eco, vem brincar comigo!  
Mas não sabe se o eco é amigo ou inimigo. Pois só lhe ouve dizer:



Lena e Músico - Migo!

(Caldas com bola de espelhos na mão)



Lena (canta)

Raio de lua. Luar. Lua do ar azul. Roda da lua. Aro da roda na tua rua Raul!  
Roda o luar na rua toda azul. Roda o aro da lua. Raul, a lua é tua, a lua da  
tua rua! A lua do aro Azul!

Caldas

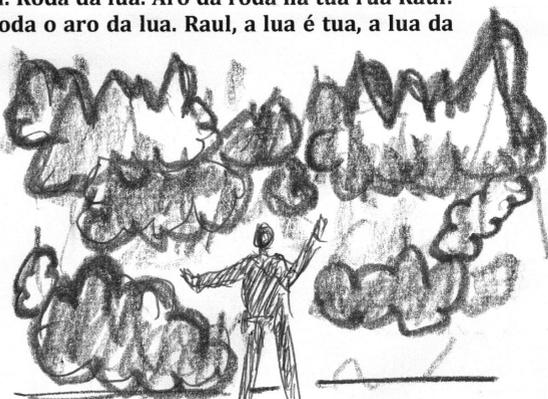
No último andar é mais bonito:  
Do último andar se vê o mar.  
É lá que eu quero morar.

O último andar é muito longe:  
Custa-se muito a chegar.  
Mas é lá que eu quero morar.

Todo o céu fica a noite inteira  
Sobre o último andar.  
É lá que eu quero morar.

Quando faz lua, no terraço  
fica todo o luar.  
É lá que eu quero morar.

Os passarinhos lá se escondem,  
para ninguém os maltratar:  
no último andar.



ULTIMO ANDAR  
+ ALTO MONTANHA  
+ ALTO TORRE  
+ ASCESE

COITAM NUENS  
MONTANHAS  
ABSTRAADAS

ECO

De lá se avista o mundo inteiro:  
 tudo parece perto, no ar.  
 É lá que eu quero morar.  
 No último andar.  
 É lá que eu quero morar (Bis) ?



(foto de menina) SOBE LUZ GERAL

Arabela abria a janela. Carolina erguia a cortina. E Maria olhava e sorria:

Lena - Bom dia!  
 Arabela foi sempre a mais bela. Carolina a mais sábia menina. E Maria apenas sorria:

Lena - Bom dia! (POSTO ILUMINADO LANTERNA POR TRÁS DA CORTINA)

Pensaremos em cada menina que vivia naquela janela: Uma que se chamava Arabela, outra que se chamou Carolina. Mas a nossa profunda saudade é Maria, Maria, Maria, que dizia com voz de amizade:

Lena - Bom dia!

ENTRAM LUZES LATERIAS ROSA

Caldas (CORTINA ROSA CORAL - ABREJA CALDU)



Com seu colar de coral, Carolina corre por entre as colunas da colina. O colar de Carolina colore o colo de cal, torna corada a menina. E o sol, vendo aquela côr do colar de Carolina, põe coroas de coral nas colinas da colina.

Lena (canta) (Como uma corrida) (Sobri um pouco a cortina)

Dulce, doce Dulce, menina do campo, de olhos verdes de água, de água e pirilampo. Doce Dulce, doce dócil, estendendo pelo sol lençóis entre anil e vento.

Dócil, doce Dulce de face vermelha, doce rosa airosa a fugir da abelha da abelha, de vespas e besouros tontos, pelo arroio de seixos redondos.

(os 3 cantam com percussão)

Dalila e Lélia e Júlia e Eulália cortavam dílias.

Dalila e Lélia, Eulália e Júlia cantavam dúlias.

Dílias e dúlias e arpas ólias...

É a alada lua

Alta Camélia? Célia Magnólia?

- 1 - SONS OROS PERCUSSÃO
  - 2 - PÉS NO CHÃO
  - 3 - 1 VOZ
  - 4 - 2 VOZES
  - 5 - 3 VOZES
- DO SAMBA — PARALÍTICO

LUZ PONTUAL SOBRE ACTO, SAI LUZ GERAL, ENTRA CONTRALUZ AZUL MUITO FORTE E CONTINUAM LUZES ROSA.

IMENSO — SLIDE  
 PAINEL DE FOTOS MENINAS

CORREIDA  
 CAMADA LENTA  
 ACELERAÇÃO DAS PALAVRAS

APARECE  
 DE LADO  
 O  
 POR  
 TRÁS

SAMBA  
 RAP

BREQUE

CAMINHADA  
 LENTAMENTE  
 VOZ

Caldas (*acordes de fado*)

## ACORDES FADO NA GUITARRA

Havia a viola da vila, a viola e o violão.  
Do vilão era a viola e da Olívia o violão.  
O violão da Olívia dava vida à vila, a vila dela.  
O violão duvidava da vida, da viola e dela.  
Não vive Olívia na vila, na vila nem na viola.  
O vilão levou-lhe a vida, levando o violão dela.  
No vale a vila de Olívia vela a vida no seu violão vivida e por um vilão levada.  
Vida de Olívia - levada por um vilão violento. Violeta violada pela viola do vento.

LUZ  
AVERMELHADA

Lena, Caldas e Músico (*cantam*)

Todos querem ser pastores,  
Quando encontram de manhã.  
Os carneirinhos, enroladinhos  
Como carretéis de lã.

Todos querem ser pastores  
Ter coroas de flores  
E um cajadinho na mão  
E tocar uma flautinha  
E soprar uma palhinha qualquer canção.

Todos querem ser cantores  
Quando a Estrela da Manhã  
Brilha só, no céu sombrio, e,  
Pela margem do rio,  
Vão descendo os carneirinhos  
Como carreteis de lã...

Todos

*Ou se tem chuva e não se tem sol. Ou se tem sol e não se tem chuva. Ou se calça a luva e não se põe o anel. Ou se põe o anel e não se calça a luva. Quem sobe nos ares não fica no chão. Quem fica no chão não sobe nos ares.*

(FIM)

↓  
AGRADECIMENTOS

VAO DESAPARECENDO  
RETRATOS DAS  
MENINAS  
COMO PÉTALAS  
AO VENTO



FESTA PROVÍNCIA - ABRIL



# Ou isto ou Aquilo

*A partir das poesias de Cecília Meireles*

*Texto dramático de José Caldas*

## **Abertura**

*(Aparece projetado quadro negro escrito Ou Isto ou aquilo, várias vezes - entra professor)*

## **Professor**

Ou se tem chuva e não se tem sol, ou se tem sol e não se tem chuva! Ou se calça a luva e não se põe o anel, ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão, quem fica no chão não sobe nos ares.

**Aluno** *(com orelhas de burro)*

É uma pena que não se possa estar ao mesmo tempo nos dois lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro o doce, ou compro o doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo... e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo, se saio correndo ou fico tranquilo.

Mas não consegui entender ainda qual é melhor: se é isto ou aquilo.

*(professor tira orelhas do músico e leva-a)*

**Mulher** *(canta Ou isto ou aquilo)*

**Professor** *(com a cabeça de burro)*

O menino quer um burrinho para passear.

Um burrinho manso, que não corra nem pule, mas que saiba conversar.

O menino quer um burrinho que saiba dizer o nome dos rios, das montanhas, das flores, de tudo o que aparecer.

O menino quer um burrinho que saiba inventar histórias bonitas com pessoas e bichos e com barquinhos no mar.

E os dois sairão pelo mundo que é como um jardim apenas, mais largo e talvez mais comprido e que não tenha fim.

Quem souber de um burrinho desses, pode escrever para a Rua das Casas, Número das Portas, ao Menino Azul que não sabe ler.

**Professor**

*(com orelhas de burro, dança e canta) LUZ ABAIXA*

**Mulher** *(canta - professor dança)*

A tarde o cavalinho branco está muito cansado:

Mas há um pedacinho do campo onde é sempre feriado.

O cavalo sacode a crina loura e comprida e nas verdes ervas atira a sua banca vida.

Seu relincho estremece as raízes e ele ensina aos ventos  
A alegria de sentir livres seus movimentos.  
Trabalhou todo o dia tanto! Desde a madrugada! Descansa entre as flores, cavalinho branco  
de crina dourada!

*(professor tira orelhas de burro – leilão)*

### **Professor**

Quem me compra um jardim com flores? Borboletas de muitas cores? Lavadeiras e  
passarinhos? Ovos verdes e azuis nos ninhos?  
Quem me compra este caracol! Quem me compra um raio de sol? Um lagarto entre o muro  
e a hera? Uma estátua da primavera?  
Quem me compra este formigueiro? E este sapo que é jardineiro? E a cigarra e a sua canção?  
E o grilinho dentro do chão? Este é o meu leilão!

*(Musico faz choro na flauta – Mulher mima choro)*

### **Professor**

No claro jardim a menina chora pela borboleta que se foi embora.  
Ora, ora, ora, não chore tanto! Nossa senhora!  
A menina chora no claro jardim um choro sem fim.

### **Mulher**

Nem o céu azul é bonito, agora, pois a borboleta já se foi embora.

### **Professor**

Não chore tanto! Nossa senhora!  
*(professor tira gravata e dá a menina)*

Que choro sem fim a menina chora no claro jardim.  
Ora, ora, ora!

*(Mulher venda os olhos do Professor com a gravata)*

Onde está meu quintal amarelo e encarnado com meninos brincando de chicote queimado,  
com cigarras nos troncos e formigas no chão, e muitas conchas brancas dentro de minha mão?

### **Mulher e Rapaz**

E Júlia e Maria e Amélia onde estão?

### **Professor**

Onde está meu anel e o banquinho quadrado, e o sabiá na mangueira e o gato no telhado? e

a moringa de barro, e o cheiro do alvo pão? e tua voz Pedrina sobre o meu coração? Em que altos balanços se balançarão?...

*(Choro com flauta - Mulher mima choro - Rap)*

**Professor** - É a menina manhosa que não gosta da rosa que não quer a borboleta

**Mulher** - porque é amarela e preta,

**Professor** - que não quer maçã nem pera

**Mulher** - porque que tem gosto de cera,

**Professor** - que não toma leite//porque lhe parece azeite, que mingau não toma,

**Mulher** - porque é mesmo goma,

**Professor** - que não almoça nem janta

**Mulher** - porque cansa a garganta,

**Professor** - que tem medo do gato

**Mulher** - e também do rato, e também do cão e também do ladrão.

**Professor**- Que não calça a meia

**Mulher** - porque dentro tem areia,

**Professor** - que não toma banho frio porque sente arrepio, que não quer banho quente porque calor sente, que a unha não corta

**Mulher** - porque sempre fica torta,

**Professor** - que não escova os dentes

**Mulher** - porque ficam dormentes,

**Professor** - que não quer dormir cedo, porque sente imenso medo, que também tarde não dorme porque sente um medo enorme,

Que não quer festa nem beijo,

**Mulher** - nem doce nem queijo... (nem doce nem queijo)

**Professor** - Ó menina levada quer uma palmada? Uma palmada bem dada para quem não quer nada!

*(Sobe cortina branca, desce a cortina de tule azul - Mulher canta)*

### **Mulher**

Som frio. Rio sombrio. O longo som do rio frio. O frio bom do longo rio. Tão longe, tão bom, tão frio. O claro som do rio sombrio.

### **Professor** *(com pratinhos)*

Rômulo rema no rio. A romã dorme no ramo. A romã rubra. (E o céu) O remo abre o rio. O rio murmura. A romã dorme cheia de rubis. (E o céu) Rômulo rema no rio. Abre-se a romã. Abre-se a manhã. Rolam rubis rubros do céu. No rio, Rômulo rema.

### **Mulher** *(canta)*

Olha a chuva: molha a luva. Cada gota de água como um bago de uva. A chuva lava a rua. A viúva leva o guarda chuva e a luva.

Olha a chuva: molha a luva e o guarda-chuva da viúva.

Vai a chuva e chega a lua: lua de chuva.

*(relâmpagos - músico com chapa de metal)*

### **Professor, Mulher e Menino**

Chama o Alexandre! Chama! Olha a chuva que chega!

É a enchente. Olha o chão que foge com a chuva... Olha a chuva que encharca a gente. Põe a chave na fechadura. Fecha a porta por causa da chuva, olha a rua que se enche!

Enquanto chove, bota a chaleira no fogo: Olha a chama! Olha chispa! Olha a chuva nos feixes de lenha! Vamos tomar chá, pois a chuva é tanta que nem de galocha se pode andar na rua cheia!

Chama o Alexandre! Chama!

*(Mulher e professor por trás da cortina descida)*

**Velha 1**- Duas velhinhas muito bonitas,

**Velha 2** - Mariana

**Velha 1** - e Marina, estão sentadas na varanda: Marina

**Velha 2** - e Mariana

**Velha 1**- Elas usam batas de fitas,

**Velha 2** - Mariana

**Velha 1** - e Marina, e penteados de tranças: Marina

**Velha 2** - e Mariana.

**Velha 1** - Tomam chocolate, as velhinhas,

**Velha 2** - Mariana

**Velha 1** - e Marina. Em xícaras de porcelana: Marina

**Velha 2** - e Mariana.

**Velha 1** - Uma diz:

**Velha 2** - Como a tarde é linda, não é Marina?

**Velha 1** - A outra diz: Como as ondas dançam, não é Mariana? Ontem eu era pequenina.

**Velha 2** - Diz Marina. Ontem, nós éramos crianças.

**Velha 1** - Diz Mariana.

E levam à boca as xicrinhas,

**Velha 2** - Mariana e

**Velha 1** - Marina, As xicrinhas de porcelana: Marina

**Velha 2** - e Mariana.

**Velha 1** - Tomam chocolate, as velhinhas, Marina

**Velha 2** - e Mariana.

**Velha 1** - E falam de suas lembranças

**Velha 2** - Mariana

**Velha 1** - e Marina.

*(Sobe cortina azul, desce branca)*

### **Professor**

A Avó vive só. Na casa da avó o galo liró faz cocorocó!

A avó bate pão de ló e anda um vento -t-o-tó na cortina de filó.

A avó vive só. Mas se o neto meninó, mas se o neto Ricardó, mas se o neto travesso vai a casa da vovó, os dois jogam dominó.

*(Velha canta e acalenta musico)*

Eu queria pentear o menino como os anjinhos de caracóis. Mas ele quer cortar o cabelo,

porque é pescador e precisa de anzóis.

Eu queria calçar o menino com umas botinhas de cetim.

Mas ele diz que agora é sapinho e mora nas águas do jardim.

Eu queria dar ao menino umas asinhas de arame e algodão. Mas ele diz que não pode ser anjo, pois todos já sabem que ele é índio e leão.

(Este menino está sempre brincando, dizendo-me coisas assim. Mas eu bem sei que ele é um anjo escondido, um anjo que troça de mim.)

*(conversa entre as 2 velhinhas)*

**A duas** - Lúlu, lúlu, lúlu lúlu,

**Velha 1** - vou fazer uma cantiga para o anjinho de São Paulo que criava uma lombriga.

**Velha 2** - A lombriga tinha uns olhos de rubim.

**Velha 1** - Tinha um rabo revirado no fim.

**Velha 2** - Tinha um focinho bicudo assim.

**Velha 1** - Tinha uma dentuça muito ruim.

**As 2** - Lúlu. Lúlu, lúlu, lúlu,

**Velha 2** - vou fazer uma cantiga para o anjinho de São Paulo que criava essa lombriga.

**Velha 1** - A lombriga devorava seu pão, a banana, o doce, o queijo, o pirão.

**Velha 2** - A lombriga apreciava um leão.

**Velha 1** - E o anjinho de São Paulo andava triste e chorão.

**As 2** - Lúlu, lúlu, lúlu, lúlu,

**Velha 2** - Pois eu faço esta cantiga para o anjinho de São Paulo que alimentava a lombriga.

**Velha 1** - A lombriga ia ficando maior que o anjinho de São Paulo!

**Velha 2** - Que horror!

**Velha 1** - Mas um dia chega um caçador!

**Velha 2** - Firma sua pontaria, sem rumor.

**A duas** - Lúlu, lúlu, lúlu, lúlu,

**Velha 1** - Paro até minha cantiga sobre o anjinho de São Paulo!

**Velha 2** - A espingarda faz pum pum! Pim Pim!

**Velha 1** -O anjinho abre as asas assim.

**Velha 2** - A lombriga salta fora enfim!

**Velha 1** - E foi correndo! (E tocava bandolim!)

*Músico/Lombriga (canta - Velhas tocam pandeireta)*

A flor da pimenta é uma pequena estrela , fina e branca, a flor da pimenta.

**Velhas** - A flor da pimenta.

Frutinhas de fogo vêm depois da festa das estrelas.

**Velhas** - Frutinhas de fogo.

Uns coraçõezinhos roxos, áureos, rubros, muito ardentes.

**Velhas** - Uns coraçõezinhos.

E as pequenas flores tão sem firmamento jazem longe.

**Velhas** - As pequenas flores.

Mudaram-se em farpas, sementes de fogo, tão pungentes.

**Velhas** - Mudaram-se em farpas.

Novas se abrirão, leves, brancas, puras, deste fogo, muitas estrelinhas.

*(Mulher acende candelabro)*

**Mulher** *(canta)*

De borco no barco.

De bruços no berço...

O braço é o barco

O barco é o berço.

Abarco e abraço

O berço e o barco.

Com desembarço

embarco e desembarco.

De borco no berço...

De bruços no barco...

**Professor** *(Acende outro candelabro – som do mosquito)*

O mosquito pernilongo trança as pernas, faz um M, depois, treme, treme, treme, faz um O bastante oblongo, faz um S. O mosquito sobe e desce. Com artes que ninguém vê, faz um Q, faz um U e faz um I.

Esse mosquito esquisito, cruza as patas, faz um T. E aí, se arredonda e faz outro O, mais bonito. Oh! Já não é analfabeto, esse inseto, pois sabe escrever seu nome. Mas depois vai procurar alguém que possa picar, pois escrever cansa, não é criança? E ele está com muita fome.

**Mulher canta**

A flor com que a menina sonha está no sonho? Ou na fronha? Sonho risonho: o vento sozinho no seu carrinho. De que tamanho seria o rebanho? A vizinha apanha a sombrinha de teia de aranha... Na lua há um ninho de passarinho. A lua com que a menina sonha é o linho do sonho ou a lua da fronha.

**Professor**

O mosquito pernilongo trança as pernas, faz um M, depois, treme, treme, treme, faz um O bastante oblongo, faz um S. O mosquito sobe e desce. Com artes que ninguém vê, faz um Q, faz um U e faz um I.

Esse mosquito esquisito, cruza as patas, faz um T. E aí, se arredonda e faz outro O, mais bonito. Oh! Já não é analfabeto, esse inseto, pois sabe escrever seu nome. Mas depois vai procurar alguém que possa picar, pois escrever cansa, não é criança? E ele está com muita fome.

*(cazu passa de som do mosquito para o blues)*

**Professor e aluno** *(cantam)*

O Chão. O grão. O grão no chão.  
O pão e a mão. A mão no pão.  
O pão na mão. O pão no chão? Não.

*(solo de saxofone)*

**Mulher** *(canta)*

Sonho risonho na fronha de linho. Na fronha de linho a flor sem espinho. Apanho a lenha para o vizinho. E encontro o ninho de passarinho. De que tamanho seria o rebanho? Não há quem venha pela montanha com a minha sombrinha de teia de aranha? Sonho o meu sonho. A flor sem espinho também sonha na fronha. Na fronha de linho.

*(professor com ponteiro a bater, aparece no quadro negro um P)*

**Professor** - O P tem papo, o P tem pé. É o P que pia?

**Menino** - Piu!

**Professor** - Quem é?

**Mulher** - O P não pia: o P não é. O P só tem papo e pé.

**Professor** - Será o sapo?

**Mulher** - O sapo não é.

**Menino** - Piu!

**Mulher** - É o passarinho que fez seu ninho no sapé.

**Professor** - Pio com Papo, pio com pé.

**Menino** - Piu, piu, piu.

**Mulher** - Passarinho. Passarinho no sapé.

**Professor**

O menino pergunta ao eco, onde é que ele se esconde.  
Mas o eco só responde:

**Mulher e menino** - Onde? Onde?

**Professor** - O menino também lhe pede: Eco, vem brincar comigo!  
Mas não sabe se o eco é amigo ou inimigo. Pois só lhe ouve dizer:

**Mulher e Menino** - Migo!

*(Professor com bola de espelhos na mão, por trás da cortina)*

**Mulher** (canta)

Raio de lua. Luar. Lua do ar azul. Roda da lua. Aro da roda na tua rua Raul! Roda o luar na rua toda azul. Roda o aro da lua. Raul, a lua é tua, a lua da tua rua! A lua do aro Azul!

**Professor**

No último andar é mais bonito:  
Do último andar se vê o mar.  
É lá que eu quero morar.

O último andar é muito longe:  
Custa-se muito a chegar.  
Mas é lá que eu quero morar.

Todo o céu fica a noite inteira

Sobre o último andar.  
É lá que eu quero morar.

Quando faz lua, no terraço  
fica todo o luar.  
É lá que eu quero morar.

Os passarinhos lá se escondem,  
para ninguém os maltratar:  
no último andar.

De lá se avista o mundo inteiro:  
tudo parece perto, no ar.  
É lá que eu quero morar.  
No último andar.  
È lá que eu quero morar (*Bis*)

*(fotos de meninas)*

### **Professor**

Arabela abria a janela. Carolina erguia a cortina. E Maria olhava e sorria:

**Mulher** - Bom dia!

**Professor** - Arabela foi sempre a mais bela. Carolina a mais sábia menina. E Maria apenas sorria:

**Mulher** - Bom dia!

**Professor** - Pensaremos em cada menina que vivia naquela janela: Uma que se chamava Arabela, outra que se chamou Carolina. Mas a nossa profunda saudade é Maria, Maria, Maria, que dizia com voz de amizade:

**Mulher** - Bom dia!

### **Professor**

Com seu colar de coral, Carolina corre por entre as colunas da colina. O colar de Carolina colore o colo de cal, torna corada a menina. E o sol, vendo aquela côr do colar de Carolina, põe coroas de coral nas colinas da colina.

**Mulher** (*canta*)

Dulce, doce Dulce, menina do campo, de olhos verdes de água, de água e pirilampo. Doce Dulce, doce dócil, estendendo pelo sol lençóis entre anil e vento.

Dócil, doce Dulce de face vermelha, doce rosa airosa a fugir da abelha da abelha, de vespas e besouros tontos, pelo arroio de seixos redondos.

*(os 3 cantam com percussão)*

Dalila e Lélia e Júlia e Eulália cortavam dalias.  
Dalila e Lélia, Eulália e Júlia cantavam dúlias.  
Dalias e dúlias e arpas eólias...  
E a alada lua  
Alta Camélia? Célia Magnólia?

**Professor** *(acordes de fado)*

Havia a viola da vila, a viola e o violão.  
Do vilão era a viola e da Olívia o violão.  
O violão da Olívia dava vida à vila, a vila dela.  
O violão duvidava da vida, da viola e dela.  
Não vive Olívia na vila, na vila nem na viola.  
O vilão levou-lhe a vida, levando o violão dela.  
No vale a vila de Olívia vela a vida no seu violão vivida e por um vilão levada.  
Vida de Olívia – levada por um vilão violento. Violeta violada pela viola do vento.

Os 3 cantam e tocam

Todos querem ser pastores,  
Quando encontram de manhã.  
Os carneirinhos, enroladinhos  
Como carretéis de lã.

Todos querem ser pastores  
Ter coroas de flores  
E um cajadinho na mão  
E tocar uma flautinha  
E soprar uma palhinha qualquer canção.

Todos querem ser cantores  
Quando a Estrela da Manhã  
Brilha só, no céu sombrio, e,  
Pela margem do rio,  
Vão descendo os carneirinhos  
Como carreteis de lã...

Todos

Ou se tem chuva e não se tem sol. Ou se tem sol e não se tem chuva. Ou se calça a luva e não se põe o anel. Ou se põe o anel e não se calça a luva. Quem sobe nos ares não fica no chão. Quem fica no chão não sobe nos ares.

(FIM)

# Cenografia

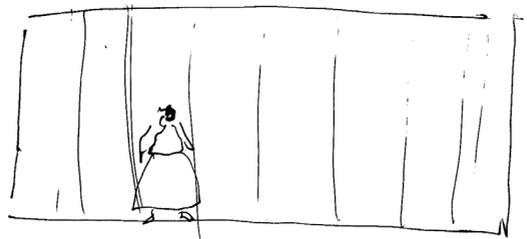
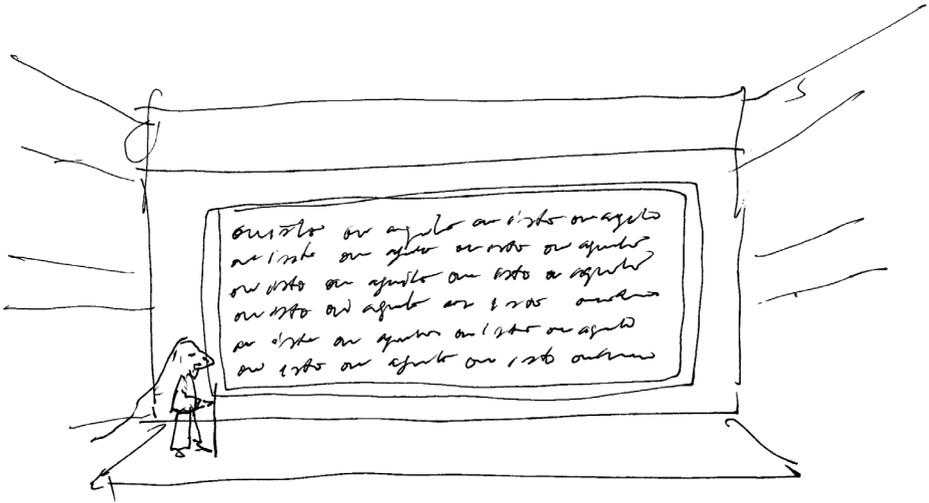
As lavadeiras vão abrindo  
\_ ah! com braços tão belos \_  
lençóis brancos na manhã verde.

(...) Mas as lavadeiras levantam  
\_ ah que braços tão belos \_  
lençóis brancos no azul do dia.

E a brisa enfuna as bandeiras  
brancas dos lençóis abertos. (...)

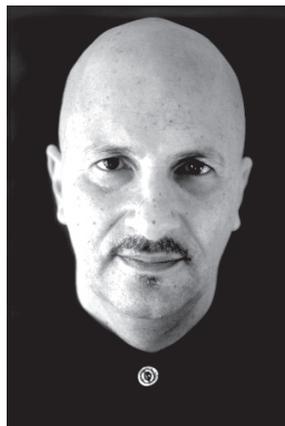
*Cecília Meireles (in Poesias Completas)*





# Música

Luís Pedro Fonseca  
(1950 — 2014)



## OU ISTO OU AQUILO

LUÍS PEDRO FONSECA  
TRANSCRIBED BY TAHINA RAHARY

SHUFFLE  
(12/8 FEEL)

Chord progression for "OU ISTO OU AQUILO":

5/4 time signature, key of D major.

Measures 1-4: D, A, G, //

Measures 5-8: D, A, G, D

Measures 9-12: Bm7, F#/A#, Am7, D

Measures 13-16: G (measures 13-14), //, A7 (measures 15-16), 3 x D.C.

Measures 17-20: D, A, G, //



co-produção



QUINTA  
PAREDE

**TNSJ**

TEATRO  
NACIONAL  
SÃO JOÃO  
PORTO

apoio

**SPAUTORES**  
SOCIIDADE PORTUGUESA DE AUTORES

# Ficha Técnica

## **Cantores, Actores e Músicos**

Lena d'Água, José Caldas e Tahina Rahary

## **Texto**

Cecília Meireles

## **Encenação e dramaturgia**

José Caldas

## **Música**

Luís Pedro Fonseca

## **Cenografia e figurinos**

Marta Silva

## **Luz e vídeo**

Hugo Walter Moutinho

## **Operação de luz e vídeo**

Artur Rangel

## **Produção**

Adelaide Osório e Mário Moutinho

## **Co-produção da Quinta Parede e Teatro Nacional de São João**

Quinta Parede – Associação Cultural

## **Apoio**

SPA

[www.scholaris.info/quintaparede](http://www.scholaris.info/quintaparede)